

Dívida: nossos credores em “estado de choque”.

A proposta brasileira de renegociação da dívida externa, que deverá estar definitivamente estruturada até a reunião anual do FMI, continua provocando reações significativas junto à comunidade financeira internacional. O jornal francês *Tribune de L'Economie*, por exemplo, afirma que os bancos credores do Brasil se encontram em “estado de choque” após as declarações do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, sexta-feira, na Áustria. Além das áreas bancárias japonesas que consideraram inaceitável a fórmula anunciada em Viena pelo ministro Bresser Pereira, também os franceses estão reagindo de forma crítica.

Ontem, um banqueiro francês envolvido com a dívida brasileira afirmou aos jornalistas que “O Brasil está querendo introduzir inovações irreversíveis com o risco de serem dolorosas para todo o sistema bancário”. Ele está convencido que se passa alguma coisa que difere da rotina normal de propostas sobre a dívida.

A maior parte dos banqueiros franceses, entretanto, espera a formalização da proposta para um julgamento definitivo. Mas eles se mostram relativamente chocados pelo fato do ministro Bresser Pereira ter privilegiado um encontro organizado por congressistas democratas norte-americanos para anunciar suas intenções, pois esperavam que elas fossem manifestadas primeiramente ao comitê de bancos. Os mais tranquilos preferem acreditar que isso não passa de um balão de ensaio do ministro Bresser Pereira, razão pela qual procuram manter uma posição mais prudente, mesmo não escondendo uma certa desconfiança.

Os mais exaltados, entretanto, não escondem sua disposição de se opor ao esquema evocado pelos representantes do governo brasileiro, acreditando que a aceitação da proposta os tornaria cúmplices de um processo de anulação da divi-

da, tendo acrescentado: “Pelo abandono sucessivo de créditos acabaríamos efetuando reservas sobre 100% de nossos empréstimos”.

Os bancos franceses, muito antes dos norte-americanos, já haviam efetuado coberturas de riscos no valor de 36% do montante de seus créditos concedidos ao Brasil.

Para alguns analistas financeiros, certos bancos franceses encontram-se perplexos diante das proposições avançadas pelo ministro brasileiro em Viena. A afirmação de Bresser Pereira de que uma parte da dívida é irrecuperável e seu valor de mercado representa apenas 50% do valor contratual é constatada por esses mesmos banqueiros: “Não é verdade. Por que aceitaríamos reduzir os valores dos créditos se, cedo ou tarde, o Brasil estará em condições de reembolsá-los?” Teme-se também que o esquema do ministro brasileiro possa deflagrar uma espiral de depreciação contínua dos créditos sobre o Brasil.

Por outro lado, responsáveis por um dos grandes bancos franceses envolvidos com a dívida do Terceiro Mundo consideram que as declarações de Bresser Pereira indicam uma evolução inelutável a médio prazo, que será a transformação em títulos de parte da dívida. A curto prazo, os bancos credores vão procurar segurar ao máximo esse processo, temendo o risco de contaminação, pois nem todos os bancos estariam, no momento, em condições de enfrentar tal evolução.

Assim sendo, acredita-se que a chamada “securitização” da dívida dos países em desenvolvimento poderá tornar-se, um dia, um produto financeiro como outro qualquer, dispondo até de um grande mercado. Afinal de contas, esse será um meio de dar liquidez a ativos que hoje não têm quase nenhuma.

Realí Júnior, de Paris.

Chocados.

Assim estão nossos credores após as declarações do ministro Bresser Pereira em Viena, segundo o jornal francês *Tribune de L'Economie*. Também as áreas bancárias japonesas consideraram inaceitável a fórmula anunciada em Viena. Mas, em Washington, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet (no desenho), disse que a posição brasileira não foi bem entendida por ter sido divulgada de “modo precipitado”.

